

DISCURSO DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Solenidade Comemorativa dos 111 Anos da ABL

É, de fato, muito festivo sempre cada 17 de julho. Em 2007, em liturgia adequada, comemoramos os 110 anos da Casa. Ainda em outubro estávamos a dar partida aos registros do centenário de Machado de Assis, na embaixada do Brasil, em Londres. Um chefe de posto digno das tradições de Rio Branco, José Bustani, presidiu os atos daquela semana rica. Na ocasião, luzia a Academia pelo brilho da inteligência e do conhecimento de Sergio Paulo Rouanet, em conferência mestra.

Hoje, voltamos ao aniversário da Academia nessa revisitação dos prazeres e orgulho, que Cícero Sandroni comanda, no exercício de sua presidência privilegiada.

De muitas comemorações nos alimentamos, encimadas pelo nome de Machado de Assis e enriquecidas com datas redondas. Entre outras, as que se dedicam a Guimarães Rosa e, na seqüência, a Euclides da Cunha. Já a avistar a reverência a Joaquim Nabuco, também um dos nossos fundadores, brasileiro de Pernambuco, que liderou a abolição e se ocupou da transformação social a ela subsequente.

É muito bom que seja assim. Exercita-se o mandamento estatutário e acalenta-se o imperativo do coração na louvação aos fazedores da Cultura.

Fica deste modo ostensivamente posto o sentido que a Academia dá a tais comemorações. Reviramos escaninhos, produzimos um tipo de ressonância para melhor compreender homens e períodos, aprofundamos análises de idéias, estabelecemos inclusive o contraditório para alcançar sístoles e diástoles em verdades ainda encobertas.

Esta é, também, uma casa para a memória.

Sabemos que comemorar é forma de lembrar juntos e em festa. Se fosse só para o arruído e o foguete de lágrima não seria necessário ativar uma Academia de Letras. Bastaria o floreio ingênuo ou o discurso piedoso de grêmio literário escolar. Há que se avaliar criticamente.

Esta Casa não é o que convencionalmente se chama no paleio intelectual de grêmio literário.

À Academia, igualmente, não se permite a infertilidade do absenteísmo. Nem só festas, nem só silêncio monacal. Por isso, foi ato responsável a idéia que nos consagrou de discutir o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, numa rememoração que parte do nome de Medeiros e Albuquerque e chega aos de hoje. Poderíamos até com a alta disponibilidade que nos faz ricos de saber específico, ter ousado mais, tendo presente as próprias obrigações da Academia.

Enfim...

No capítulo dos compromissos com a nossa Língua é positiva a ação de editar um novo Dicionário, um novo Vocabulário Ortográfico e de criar e manter no portal da Internet o bem sucedido serviço “ABL responde”, a provar também pelo uso imaginoso dos meios eletrônicos, expansão criativa e consonância com a modernidade. Afinal de contas há no mundo 1.1 bilhão de internautas e o Brasil comparece a essa massa de modo significativo.

Está claro que para valer a pena a Academia não poderia ser pequena. Pensar pequeno é morrer submerso pela velocidade dos tempos.

Sabe-se que no processo dialético a permanência das instituições culturais depende em parte do seu reajustamento.

Victor Hugo disse que a revolução faz o retorno do fictício ao real.

Não se trata de propor uma revolução em permanência, mas de defender sempre o dinamismo propositivo que nos cabe com entrega confiante e a rejeição total a ser reserva encolhida. Teremos que realizar mudanças, uma vez necessárias.

A Academia nunca poderia ser uma instituição meramente reativa às provocações do calendário de efemérides, por mais relevantes que sejam. Deve geralmente propor e reagir adequadamente.

Karl Popper ensina que “a verdade é absoluta até que alguém diga o contrário com consistência.”

A Academia sempre propôs um pacto pelo conhecimento. De outra parte, a Academia deve abranger o otimismo, espancar o pessimismo e o exclusivamente contemplativo.

Há tanta contestação, tanta inovação no plano cultural que se faz conveniente verificar a consistência de cada proposta, na busca da verdade.

É preciso ir para fora de portas. É preciso acolher os de fora.

Integrar os “oh! de casa” aos “oh! de fora”.

Vejamos:

A revolução digital transferiu aos indivíduos a força para catar informações e deu-lhes meios de expor o que conceberam. Temos competência para acompanhar o que se teoriza sobre tema de tal amplitude e eis aí um observatório para a Academia aproximar-se de faces da questão cultural.

Cientistas sociais como Manuel Castells e Yúdice, jornalistas de nível como Merval Pereira escrevem, seguidamente, sobre esses caminhos pavimentados pela tecnologia na direção da construção cultural.

Pelo livro ou pelas tecnologias importa é difundir e estimular a Cultura.

O nosso Estatuto nos impõe zelar pela Cultura, então como desconhecer a força dos blogs e a influência das redes sociais?

T.S. Eliot ensinou que o tempo passado e o tempo futuro apontam para o tempo presente. E acrescentou: “o que não foi e poderia ter sido fica na perpétua possibilidade”.

O Plano Nacional de Cultura, incluído na Constituição pela Emenda 48, carece de ter a nossa avaliação consistente.

Como planejar o esforço cultural, no que isso signifique, por exemplo, compreensão e ação do Estado sem o aval da mais importante instituição cultural do País? Não somos um retrato na parede. Não poderíamos ser um retrato na parede.

A Academia está apta a impedir que fiquem na incompletude, entre outros aspectos, as controvertidas idéias sobre renúncia fiscal, formas de financiamento, mecanismos de fomento, vale-cultura, loteria cultural, privatização e cultura, mensuração do envolvimento corporativo, direito autoral.

Constatamos um mundo de questões que precisam transitar cada vez mais nos domínios das reflexões e ações da Academia.

A situação atual do Brasil, como país em crescimento, leva-nos a considerar a cultura como recurso utilizável.

E sendo assim, há que geri-lo, em grau de competição. Deste modo, nos alveja um mundo que é executado em velocidade.

George Yúdice alerta para a presença supranacional das corporações como influência do setor não governamental internacional.

O sociólogo Luiz Otávio Cavalcanti tem insistido nas observações de que isto necessariamente não leva a uma homogeneização e que, pelo contrário, ser diferente não quer dizer ser contrário.

Seria um despautério não discutir em casa de autores a propriedade intelectual e as franquias culturais.

Não podemos é deixar que regulamentações envolvendo a Cultura fiquem a cargo apenas de autoridades de algum ministério de Indústria e Comércio.

Não é possível consentir que o aparelho do Estado nos conduza arbitrariamente.

Nem descurar da advertência de Chun-tao Wu de quanto o exercício de poder econômico pode converter-se em status e legitimidade. Na mesma linha do que Bourdieu chama de “Capital Cultural”.

É inegável, por outro lado, a busca deliberada da arte como instrumento de realce da imagem daqueles tidos como meros “filisteus” ignorantes e indiferentes. Há de se atentar para essa espécie de estética comercial, como para o papel da mídia como tipo fornecedor de identidade cultural, como propõe o texano Douglas Kellner, destrinchando o papel da Guerra do Golfo, da ficção cyberpunk ou de Madonna. Ou ainda de Nano, como poética de um mundo novo. Assim dizem Victoria Vesna e James Gimzewski em livro que fala de nanobots e nanobods, além de propor se reconheça que a sabedoria está a exigir da ciência o direcionamento para o belo e o elegante.

A Academia que compreende o belo e o elegante pode impunemente ausentar-se dessas ousadias especulativas?

Por atitude passiva, omissão ou descuido, findaríamos por ser vítimas do insólito. Comenta-se o episódio do parecerista de certo departamento regulador de apoio tributário à Cultura, que determinou a um postulante obter a assinatura autorizativa de Kafka, a fim de levar à cena peça de sua autoria.

Não é o próprio Processo?

Um ano a mais se passou e a Academia é ainda maior, tudo porque não nos contentamos com o sucesso, nem esquecemos a eficiência. O tempo nunca será uma resina silenciadora da Academia. A experiência que continuamente alcançamos foi por percorrer os caminhos do passado na busca dos roteiros do futuro.

Pedro Nava pode ficar tranqüilo. Estamos atentos à lição que nos deixou, aquela de que a experiência não pode ser certo tipo de luz que só alumia para trás.

Senhor, Senhoras

A festa aniversária de que falei no início completa-se com a alegria em premiar. Esta é tarefa relevantíssima. Missão exponencial.

Falemos da premiação. Cuidarei de uma delas. Confrades dirão das demais.

A festa de agora, aqui no Rio, há de repercutir, assim estima-se, de modo muito afetivo em outras duas cidades do coração do autor que a Academia consagra com o Prêmio Machado de Assis.

Festa para a gente de Patos de Minas e de Duas Pontes, cidades - cada uma a seu modo - de Autran Dourado.

O prêmio, a nossa maior deferência - basta observar que nome tem e que considera o conjunto de obra - sempre se concede zelosamente, com cuidados clínicos.

O Prêmio Machado de Assis, neste ano emblemático, distingue Autran Dourado. Há sempre um homenageado especial a recebê-lo. Dou dois exemplos apenas: no ano passado, a genialidade crítica de Eduardo Portella,

atuou ao sugerir reconhecer a qualidade de um homem discreto que produziu obra ostensivamente pan-brasileira, o sociólogo/economista Roberto Cavalcanti de Albuquerque. Num passado não muito distante, o nome universal de Guimarães Rosa, cujo centenário de nascimento comemoramos este ano, foi o proclamado.

Pois bem, compreende-se que cada um distinguido, se orgulhe já que o Prêmio é prêmio grande, o melhor que podemos tirar de nós. É premiação para se respeitar, valorizando.

Os amplos recursos da linguagem de um autor comprometido com a sua arte e a sua aventura, já deu a Autran Dourado os prêmios Goethe e Camões. Ajunte ele a esses o Machado de Assis e pode se orgulhar como grande narrador brasileiro.

Acadêmicas, Acadêmicos,
Senhoras e Senhores.

Pressinto na escolha dos oradores dos principais momentos acadêmicos deste ano a cuidadosa atenção e a evidente delicadeza da nossa Presidência para com os Decanos e ex-Presidentes.

Somos, em verdade, um grupamento especial. Falo de grupamento especial, no sentido de especial pelo calejado que a vida acadêmica nos impôs.

Sofremos as suas exigências e, talvez por isso, sempre estamos especialmente atentos para colaborar.

Nas sociedades mais abertas ou nas mais enclausuradas, tribais ou civilizadamente modernas, sempre há um lugar distinto para os que experimentaram a dor e a delícia de anteceder ou de dirigir.

Pressinto que a nossa Presidência gosta de nos dar essa possibilidade de falar libertos pela filosofia camoneana do saber de experimento feito e acho que a

direção da Casa está certa. É assim mesmo. Para alguma coisa há de servir o ser antigo ou já ser um ex qualquer coisa.

Deste modo a gente põe o que pensa, livre e respeitosamente, à consideração dos Pares e de quem mais se interesse pelo nosso destino, pois data aniversária é tempo para auto-reflexão.

Da minha parte, já o quinto mais antigo do Colegiado, espero em Deus sempre estar longe de um “palpite infeliz”, situo-me apenas entre os que querem mostrar que amamos a Casa, também sabendo que, como diz o poeta Francisco Alvim,

*“Há um fora dentro da gente
fora da gente um dentro”.*